

Universidade de São Paulo
Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”
Departamento de Economia, Sociologia e Administração
Sociedade, Cultura e Natureza

GRUPO: Arielle Rudink, Carolina Cauzzo, Gleydson Mota, Isabella Mercuri Granero, Juliano Sulzback, Mariana Cappelli Saad Raizer, Nara Perobelli de Moraes, Pedro Gustinelli.

A mudança de atitude na relação entre os sexos

Em 1522, o livro *Colóquios familiares*, destinado não só a aprimorar a língua dos jovens, mas também a educá-los para a vida, de Erasmo de Roterdã, apresenta temas sexuais às crianças, principalmente aos meninos, para prepará-los para a vida adulta. Nessa época havia um distanciamento quase inexistente entre a infância e a vida adulta. Assuntos como sexo e prostituição eram públicos. Todos tinham conhecimentos sobre tais temas, sem distinção de idade.

Tanto na época em que Elias escreveu, 1939, quanto hoje, as histórias contadas no livro de Erasmo espantam por estarem em um livro infanto-juvenil como, por exemplo, aquela do rapaz e a prostituta. Mas esse comportamento de estranheza se deve a uma evolução do modo de viver e de pensar, ao longo de um processo que Norbert Elias designou como civilizador.

Devido a este último, um sentimento de vergonha acerca das relações sexuais humanas cresce. Esse sentimento, que passa a ser visto como natural, ocorre entre os adultos e, também, na abordagem de tais assuntos com as crianças. Mas segundo o autor, esse sentimento foi ensinado e construído nas relações sociais. Assim, ao longo do tempo, o padrão de comportamento da sociedade foi se transformado, tornando o sexo um tabu, em razão de uma vergonha que passou a se disseminar a partir dos séculos XVIII-XIX. Dessa maneira, o assunto sexual é levado da vida pública à privada.

Para comprovar que antes o sexo pertencia à vida pública, Elias (1939) examina situações mencionadas no livro de Erasmo de Roterdã, tais como aquelas dos noivos que eram levados à cama e despidos pelos padrinhos e convidados do casamento, no século XVII.

A fim de representar a mudança na concepção da vida sexual, ou seja, o fato de que cada vez mais o sexo foi sendo tratado privadamente e mais afastado das crianças – aumento do distanciamento entre a infância e a vida adulta – Elias (1939) menciona o livro de Von Raumer, *A Educação das Meninas*, que criticou tanto as mães que tratavam o sexo como algo comum, quanto as mães que tratavam como algo proibido, que, segundo Von Raumer, causaria certa curiosidade nas meninas. Em suma, esse livro defendia a ideia de que deveria se criar um tipo de vergonha ao tratar do assunto, orientando as mães a dizerem às filhas que as crianças eram trazidas pelos anjos, evitando a discussão sobre as relações sexuais.

Dessa forma, desenvolve nos indivíduos um sentimento de repugnância e vergonha. Assim, as funções corporais e também a sexualidade são levadas para o fundo da vida social. Trata-se de uma tendência do processo civilizador em tornar privado e íntimo, em razão do sentimento de vergonha, medo e culpa, condutas que outrora eram publicamente aceitas. A vida sexual dos indivíduos se transformou ao longo do processo de civilização. Segundo o autor, as mudanças não ocorrem de forma aleatória, mas de acordo com um sentido determinado devido a diferentes fatores, aqui em particular associado ao crescimento do sentimento de vergonha e repugnância em razão das novas noções de refinamento e civilidade. Na medida em que os indivíduos jovens são cada vez mais educados sob o padrão civilizado, hábitos indesejados violentos ou brutos são suprimidos e substituídos por aqueles mais polidos, corteses e educados.

Ademais, Elias (1939) também trata da liberdade. Para este autor, o processo civilizador pode, em certas circunstâncias, aumentar a liberdade, pois não segue uma linha reta, podendo romper certas amarras sociais. No caso do comportamento sexual, as cortes absolutistas dos séculos XVII e XVIII quebram pela primeira vez o domínio do marido sobre a esposa, tornando os relacionamentos extraconjugais de ambas as partes legítimos dentro de certos limites. Na sociedade burguesa posterior, são condenadas todas as relações extraconjugais, mas a violação da regra pelo marido é julgada com mais condescendência. De toda forma, as quebras deste padrão devem ser inteiramente excluídas da vida social oficial.

Outro exemplo dado pelo autor é relativo à evolução dos trajes de banhos utilizados pelas mulheres, que se tornaram cada vez mais liberais a partir do momento em que as atitudes sexuais foram sendo cada vez mais reprimidas.

Elias conclui o capítulo IX – *Mudanças de Atitude nas Relações entre os Sexos*, mostrando que com restrições novas e mais rigorosas, os impulsos e instintos humanos

são eliminados pelo autocontrole, transformando a personalidade do indivíduo em direção a um padrão de vergonha que caracteriza a civilização ocidental.

A reflexão sobre o padrão da relação homem e mulher se enriquece com a análise da história de luta dos movimentos de mulheres: a mulher ocupou por muito tempo um lugar muito claro na sociedade, aquele de dona de casa e de responsável pelos cuidados com os filhos. Até pouquíssimo tempo, elas não trabalhavam fora de casa. Foi apenas a partir da década de 70, que houve crescimento da presença feminina no mercado de trabalho.

Entretanto, essa conquista ainda não foi completa. Ainda hoje a mulher não ganha o mesmo salário de um homem ocupando o mesmo cargo. No Congresso Nacional, a representação de mulheres é muito pequena: no Senado, apenas 12 das 81 cadeiras são ocupadas por mulheres (14,8%); na Câmara dos Deputados, são 51 (9,9%). Ao todo, há, portanto, 63 cadeiras ocupadas por mulheres das 594 (10,6%). Uma representação ínfima perto dos 51,5% da população brasileira composta por mulheres.

Diante destes tipos de questões, ganhou força o movimento feminista, que abre espaço para discussões sobre o papel da mulher na sociedade. Debate-se o trabalho feminino em contraste ao do homem; o ciber feminismo, que toma forma mais recentemente. A evolução do movimento o tornou mais forte, propulsor e disseminador do feminismo, possibilitando maior participação das mulheres nestes debates, como as mulheres negras. Questões como o aborto, muito polêmica, são centrais para o feminismo. Também é tratada a questão da desmilitarização do corpo da mulher, para que possa ser ela própria dona de si e não ser controlada por outrem. A objetificação da mulher é outro exemplo de ponto de pauta do feminismo, entre tantos outros.